2.16 Capítulo XIV

Kohlenklau
Ladrão de carvão

"*Halt dir den Spiegel vors Gesicht: Bist du's, oder bist du's nicht*[1]?"

Para gerar desconfiança entre a população alemã a 'LTI' utiliza o termo *Kohlenklau* por meio de painéis e cartazes de propaganda, para fazer uma advertência, não somente contra o genérico ladrão de carvão, o famoso *Kohlenklau,* mas também contra o espião que a tudo pode estar espreitando e que pode encontrar-se disfarçado no meio de todos, como a frase acima. *Kohlenklau* foi uma figura assustadora devido a deformação, parecendo-se mais com o 'bicho-papão[2]'.

Klemperer toma contato com esta figura no início de 1943, quando é enviado como operário não qualificado para a fábrica de chás e banhos medicinais *Willy Schlüter*, que crescera sobremaneira devido às encomendas de guerra[3]. Em uma tarde de maio todos os empregados param para olhar e tecer comentários sobre um trabalhador, cuja figura, postura e rosto são idênticos à do famoso *Kohlenklau*. Klemperer chega quase a passar por 'desligado' por não saber a quem os colegas se referem, quando vê a figura do corcunda, que joga os sacos para armazenagem sobre sua bossa com muita facilidade. "*Kohlenklau* está demais, pode até ir trabalhar no circo". Parece mais com um gorila, tem algo de personagem de conto. Rosto de sapo, cabelo preto caindo sobre os olhos, braços de macaco, tronco largo, pernas curtas e curvas, pés anfíbios aderentes ao piso. O paletó lembra o rabo de um animal, a corcunda lembra um ladrão e parece um quadrúpede. Klemperer se lembra de uma fonte em Versalhes, inspirada na "Metamorfose de Ovídio" em que as figuras que nela entram se metamorfoseiam em animais, como *Kohlenklau.* Quando *Kohlenklau* mostra o rosto Klemperer percebe que seus traços lhe são familiares. São iguais aos da propaganda nas *Litfasssäulen*[4] e aos muros das ruas.

---

[1] Mantenha o espelho na sua frente, quem você vê, é você ou quem você tem em mente? 'LTI', p.113.
[2] Figura folclórica.
[3] Essa fábrica foi importante para os Klemperer, mesmo depois da guerra. O proprietário, Willy Schlüter sempre respeitou os judeus. Ganhou muito dinheiro com a venda da fábrica e distribuiu alguns valores entre os antigos funcionários que ainda viviam. Klemperer recebeu 500 marcos em 1945.
[4] Colunas Morisse. 'LTI', p.110.

Em parte, seu desconhecimento desta figura provém do fato que desde a obrigatoriedade do uso da estrela pelos judeus a partir de 19 de setembro de 1941 Klemperer se esforça por permanecer o mínimo possível na rua para evitar as brincadeiras agressivas e para fugir das demonstrações de comiseração que lhe causam constrangimento. Até então as figuras que lhe eram familiares eram os painéis dos heróis dotados de força física, com expressão feroz e tensa, carregando a bandeira ou portando arma, trajando uniforme das *SA, SS*, ou de campo, pessoas destituídas de pensamento. O texto de propaganda abaixo sempre foi de total subserviência aos desmandos de Hitler:

"*Führer befiehl, wir folgen!*", "*Mit unsern Fahnen ist der Sieg*[5]*!*"

No início do nazismo o corpo discente, justamente da cadeira de Filologia da Universidade Técnica de Dresden redige em tom patético a frase estarrecedora:

"*Wir sind die Leibeigenen des Führers*[6]"

que persegue Klemperer durante toda a guerra, e que constava em qualquer propaganda. Eram rostos de homens e mulheres que remetem às mulheres dos heróis nórdicos. Não há qualquer coerência entre a figura dos rostos embrutecidos com a linguagem submissa dos textos. *Kohlenklau* é o único caso de que o texto e a imagem são condizentes. Após o incidente de passar por 'desligado' Klemperer começa a prestar mais atenção nessa propaganda. E de fato ela é diferente. Figura e palavra entranham-se na memória de forma muito ajustada como uma figura de semiótica[7], como o traçado gráfico das *SS* e seu significado. Posteriormente tenta-se substituir *Kohlenklau* por *Groschengrab*[8], menos saborosa e menos envolvente. Além do *Kohlenklau,* a figura de mais efeito e que

5 Führer, ordene que te obedeceremos. A vitória está com nossas bandeiras. 'LTI', p.111.
6 Somos os servos do Führer. 'LTI', p. 110.
7 Relação da palavra com sua imagem.Cabe lembrar que Klemperer jamais fez uso do termo semiótica na 'LTI' e nos "Diários". Mas, considero importante, à guisa de aprofundamento, mencionar um princípio do filósofo alemão Ernst Cassirer, em "A Filosofia das Formas Simbólicas": 'O papel mais-que-instrumental da linguagem; esta não serve para denominar uma realidade pré-existente, mas para articulá-la, para conceitualizá-la' *in* Dicionário das Ciências da Linguagem, O Ducrot e T. Todorov, p. 113 e J. Kristeva: "Todo o problema da semiótica atual parece-nos estar aqui: continuar a formalizar os sistemas semióticos do ponto de vista da comunicação...ou então abrir ... essa outra cena que é a produção de sentido interior ao sentido", apud, p. 427.
8 Lugar onde se esbanja dinheiro.'LTI', p. 112.

mais se assemelha a ele foi o furtivo *Lauscher*[9]. A figura ficou exposta durante meses em vitrines, caixas de fósforos, cantos de jornal para advertir contra espiões. Mas a expressão

"Feind hört mit[10]*"*

que seria a equivalente do *Lauscher* já se desgastara. Esses termos já tinham sido apresentados em figuras novelescas, onde o inimigo, o mau presta atenção nas conversas nos cafés, por trás de uma eventual leitura de um jornal.

Dada a eficácia da expressão *Kohlenklau* surgem variantes com

"Stundenklau[11]*", "Minenklau*[12]*", "Polenklau*[13]*".*

Quando alguém se esquecia de fechar a porta, em uma sala aquecida, dizia-se "*Kohlenklau* chegou!"

Para mostrar como *Kohlenklau* foi um termo da 'LTI', Klemperer se lembra de tê-lo ouvido na rua em 1944, época em que sua aura já se fora. Uma criança não quer obedecer à mãe na rua. Um senhor de idade se aproxima do menininho e lhe diz: "obedece tua mãe, se não, te levo para o *Kohlenklau*", ao que o menino prontamente obedece.

Caso o Terceiro Reich não tivesse ruído é provável que *Kohlenklau* tivesse se tornado figura mítica.

---

[9] Aquele que espreita. 'LTI', p. 112.
[10] O inimigo ouve tudo. 'LTI', p.111.
[11] Aquele que rouba o tempo do trabalho, do outro. 'LTI', p.112.
[12] Nome de um barco para abandonar lugares. 'LTI', p.112.
[13] Contra a política da URSS. 'LTI', p.112.

2.17 Capítulo XV

KNIF - *kommt nicht in Frage*
Nem pensar

O espírito tecnicista e organizacional do nazismo e o emprego abusivo de abreviaturas foram um facilitador para o exercício do totalitarismo. As abreviaturas não foram prerrogativa da 'LTI', pois o exército do Primeiro Reich também se fez valer delas. Mas, é certo que elas foram a característica mais concreta da 'LTI', afora sua verdadeira marca registrada, entretanto mais sutil, que foi o costume desmesurado da mentira desbragada. Quanto às abreviaturas, Goebbels disseminou-as no seio do povo, como se estivesse lhes oferecendo um privilégio, envolto em misticismo, juntamente com o sentimento de pertença a uma organização, que brinda com o conforto afetivo de estar entrosado em um grupo.

ICHTYS é uma abreviatura que existe desde a época dos gregos e representa o peixe. Ela consegue suplantar o tempo e o espaço. É também o símbolo de uma das mais antigas comunidades secretas cristãs, e significa "Jesus Cristo, Filho de Deus, o Salvador", que mantém o mesmo significado até hoje.

Em seu esforço em assinalar cada característica da 'LTI', Klemperer questiona se as abreviaturas seriam a marca da iniqüidade generalizada ou um pecado exclusivo da 'LTI'? E responde, foi exclusivo da 'LTI'. Salvo raras exceções, havia termos alemães da época da Primeira Guerra Mundial, como *"Ari"* para *"Artillerie*[1]" que, entretanto, não eram mal vistos. Ou seja, a formação de abreviaturas provinha do início do século e eram empregadas em diversos idiomas. Em Berlim já havia a *KDW*, que é a *Kaufhaus des Westens*[2], outra era *HAPAG*[3]. A prova de que as abreviaturas tinham assumido caráter internacional era a palavra *Mitsu,* nome de um romance francês, que coincidia com o de um empreendimento industrial na França.

Esse capítulo knif - *kommt nicht in Frage*[4] e kakfif - *kommt auf keinen Fall in Frage*[5] apresenta algumas abreviaturas características do nazismo. Essas duas, anti-nazistas,

---

[1] Artilharia. 'LTI', p. 115.
[2] Loja do Ocidente.'LTI', p. 116.
[3] Abreviatura útil para endereços telegráficos. 'LTI', p. 116.
[4] Nem pensar. 'LTI', p. 114.

Klemperer aprendeu com um amigo berlinense que viera despedir-se em 1937, pouco antes de emigrar para os EUA: "*Wozu soll ich mich hier langsam abwürgen lassen*[6]?" Elas denotam o que Klemperer chama de *Berliner Buschido*[7], estilo berlinense que até aquela data foi capaz de não perder seu humor cáustico e criar antídotos para a 'LTI'. Klemperer, que viveu em Berlim de 1890 a 1912, se dá conta no pós-guerra, que o nazismo conseguiu instalar-se em Berlim, apesar de tantos opositores 'declarados' terem vivido lá em meados dos anos trinta. O cumprimento "Boa noite!" na época dos bombardeios fora trocado pelo antídoto *"Popo"*, abreviatura ligeiramente condimentada de "*Penne ohne Pause oben!*[8]*"*. Por seu relato Klemperer mostra como Goebbels abusou desavergonhadamente da população alemã, ou esta permitiu deixar-se abusar, ou não tinha como escapar dessa situação. Pois da mesma forma como o Ministro de Propaganda criou e impôs as siglas, das quais o nome deste livro é uma paródia, em março de 1944 faz uma advertência pública contra seu emprego abusivo, que agora os nazistas passam a chamar de "*Stümmelwörter*[9]". "*DAZ*[10]", importante jornal, dedica a seção "*Unsere Meinung*[11]" a um decreto governamental, que pretendia contrapor-se ao efeito funesto das abreviaturas, que chamavam de impeditivo do desenvolvimento. Parecia até que por meio de um único dispositivo, o Governo poderia desfazer de seu próprio hábito de abusar de suas abreviaturas, implantadas desde 1933. Nesta matéria o "*DAZ*" pergunta se o grupo de palavras

"*Hersta der Wigru*" (expressão ridícula), que abreviava
"*Herstellungsanweisung der Wirtschaftsgruppe*[12]",

que constava em um Dicionário de Economia, ainda poderia ser considerado um termo alemão?

No meio tempo entre o chiste popular de Berlim de 1937 e o ano de 1943 o "*Reich*" publicou a matéria "*Hang und Zwang zur Kürze*[13]*"* que pretendia encobrir sentimentos de

---

[5] De jeito nenhum. 'LTI', p. 114.
[6] Para que me deixar ir sendo estrangulado aos poucos? 'LTI', p. 114.
[7] Termo em japonês, que significa "trajeto do combatente". Era código de honra do nobre japonês feudal, traduzido do "*Der kleine Duden-Fremdwörterbuch*".'LTI', p. 114.
[8] Linguagem de malandro. Significa dormir em casa, de uma tirada só, sem precisar descer ao abrigo antiaéreo. 'LTI', p. 114.
[9] Palavras aleijões. 'LTI', p. 115.
[10] *Dresdener Allgemeine Zeitung*. 'LTI', p. 115.
[11] Nosso ponto de vista. 'LTI', p. 115.
[12] Instrução preparatória do grupo econômico. 'LTI', p. 115.
[13] Tendência e obrigação à brevidade. 'LTI', p. 115.

culpa, responsabilizando o bolchevismo por essas *Sprachungetüme*[14] que não passavam de um atentado contra o senso de humor alemão, como se o povo alemão poderia ter senso de humor naquela época . Klemperer mostra a falsidade desse artigo do "*Reich*", ao chamar essas abreviaturas de artificiais e desvinculadas do povo, pois em sua maior parte eram pura criação nazista. Outro artigo, em que se comentava o ensino da língua russa no sul da Itália, onde o fascismo estava com os dias contados, lia-se no "*Reich*" que

"*Die Bolschewiken haben die russische Sprache unter einer Flut misstönender Abkürzungs- und Kunstwörter begraben ..., die süditalienischen Schüler lernen einen Slang*[15]".

O nazismo pode ter copiado muita coisa do bolchevismo, por intermédio do fascismo, para, ao final de tudo, não passar do 'Midas da mentira', pois qualquer coisa em que tocasse, se tornou mentira. Para Klemperer, as abreviaturas italianas possuíam um toque artístico e dividiu-as em três categorias. A mais primitiva juntava simplesmente as iniciais, algo como *BDM*[16]. A segunda, criava um grupo fonético, que era pronunciado por meio de uma palavra. A terceira imitava o som da língua em questão. A palavra "*Fiat*" significava "faça" em latim e representava a "*Fabbricche Italiane Automobili Torino*[17]". Havia a sigla "*LUCE*", ou *Lega universale di cinematografia educativa*[18]. A força da expressão

"Hib - Aktion" para *"Hinein in die Betriebe*[19]*!"*

criada por Goebbels surtiu efeito somente na linguagem popular, pois era desprovida de qualidade ortográfica. Sabia-se que no Japão, um jovem ou uma jovem que se vestisse e se comportasse à moda americana ou européia era denominado de "*Mobo"* e *"Mogo", modern boy* ou *modern girl*[20]. Se a sigla *ICHTYS* sobreviveu até hoje, por que somente a 'LTI' fez mau uso delas?

Quem souber identificar um produto industrial por uma sigla, ou um endereço telegráfico[21], sentirá o conforto de pertencer àquele grupo das pessoas que dominam aquele saber. E os criadores dessas siglas assumem o papel deste feito importante. Dessa forma, fica a

---

[14] Monstruosidades verbais. 'LTI', p. 115.
[15] Ao inundar com uma corrente de abreviaturas e palavras artificiais dissonantes, enterraram a língua russa... os alunos do sul da Itália aprendem um *slang* (gíria).
[16] *Bund Deutscher Mädel.* 'LTI', p. 116.
[17] Fábrica Italiana de Automóveis Torino. 'LTI', p. 116.
[18] Liga universal de cinema educativo. 'LTI', p. 116.
[19] Para dentro dos negócios. 'LTI', p. 117.
[20] Rapaz moderno, moça moderna. 'LTI', p. 117.
[21] Hoje seria um endereço eletrônico.

sensação generalizada de que a concepção moderna das abreviaturas tenha sua origem na atividade econômica. E, novamente, fica indefinida a linha divisória entre a questão industrial e cultural. É certo que o ponto de partida para as abreviaturas modernas sejam os países onde predomina o comércio e a indústria, tais como Inglaterra e EUA[22]. É certo que a Rússia Soviética tenha desejado seguir essa tendência, pois um dos postulados principais de Lênin pregava que a tecnologia fosse implantada nos mesmos moldes que nos EUA. Klemperer demonstra o quanto se sente interessado em aprofundar-se em sua profissão e mais uma vez usa a expressão *Notizbuch eines Philologen!*[23] Quantos temas para aulas e seminários. Quantas novas impressões sobre a história da língua, da cultura e da etimologia. As abreviaturas, entretanto, não tinham se fixado somente no campo econômico, mas também no campo político. Onde havia um partido político, uma agremiação, havia uma abreviatura. Para Klemperer não pareceu que seria o caso de pesquisar nos EUA para encontrar as origens da abreviatura política. As abreviaturas na Alemanha devem ter vindo do exterior. Mas, logo surgiu algo exclusivamente alemão. O exército foi a instituição mais organizada do Império, empregando muitas siglas, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial. Siglas para o grupo e para o equipamento, senhas para se proteger do exterior e como sinal de pertença. Novamente Klemperer se questiona se e por quê as abreviaturas seriam uma das principais características da 'LTI'. Sim, pois nenhum estilo lingüístico usou as siglas tão intensamente quanto o alemão de Hitler. Quando Klemperer escreveu a 'LTI' a sigla se inseria onde se pretendia implantar organização e técnica. O totalitarismo nazista ambicionou organizar tudo e fazer tudo se tornar tecnicista por meio das siglas. E pretendia dominar a Alemanha, ser religião e implantar a suástica em todos os lugares, o que aproxima suas abreviaturas do antigo "peixe" cristão:

Kradschütze oder Mannschaft am MG, Glied der HJ oder DAF – man ist immer 'verschworene Gemeinschaft[24]'.

Neste capítulo Klemperer mostra o papel preponderante que as abreviaturas tiveram na 'LTI', mesmo dado um nome engraçado ao capítulo, que foi uma abreviatura não nazista.

---

[22] Trata-se de 1946.
[23] 'Anotações de um filólogo' (sub-título da 'LTI'). 'LTI', p.118.
[24] Atirador montado em motocicleta, ou tripulação com *MG – Maschinengewehr* (metralhadora), membro da *Hitler Jugend, Deutsche Arbeits Front*, dando sentido de agrupamento conjurado.

2.18 Capítulo XVI

An einem einzigen Arbeitstag
Em um único dia de trabalho

No afã de mostrar que o veneno nazista se alastrara até mesmo entre antinazistas convictos, Klemperer ilustra a questão com quatro casos de pessoas, com as quais se depara em um único dia de trabalho e que demonstram como a mentalidade nacional-socialista se incorporou à sua forma de pensar.

Era o inverno de 1943/44. Klemperer trabalhava na fábrica de envelopes de papel Thiemig & Möbius. Apesar do chefe ser membro da *SS* e tratar 'seus judeus' o melhor possível, pois às vezes até mandava vir algum quitute da cantina, Klemperer comenta que não sabia o que lhe agradava mais: algum restinho de salame de cavalo, ou ser chamado de Sr. Klemperer e, às vezes, até mesmo de Prof. Dr. Klemperer. Nessa época o espírito nazista já tinha desaparecido. Eram poucas as pessoas interessadas em delatar colegas. Havia uma colega, há mais de trinta anos na fábrica, que não temia os delatores e que ajudava Klemperer quando ele se atrapalhava com o maquinário. Certa manhã a boa colega ofereceu-lhe uma maçã para levar para sua esposa e retificou a pergunta, entre curiosa e espantada "é verdade que ela é alemã?" O prazer pela 'lembrancinha' se esvaiu por completo. Esta pergunta era a prova de como o veneno nazista dominava as pessoas. Seguramente a colega ouvira os conceitos antijudaicos como:

„artfremd", „deutschblütig", „niederrassig", „nordisch[1]" e *„Rassenschande*[2] *"*

que ela própria mal tinha condições de entender. E, para ela pairava a dúvida como uma ariana, sua mulher Eva, poderia ser casada com alguém justamente dessa *raça* inferior? E, logo a seguir ao episódio da maçã, Klemperer ouviu o mentor das idéias daquela colega, também contrário à guerra comentar com outra pessoa a respeito de quando "essa guerra suja" acabaria: - "ninguém quer ceder, os outros terão de reconhecer nossa supremacia, afinal somos *prima organisiert*[3]", expressão da 'LTI' equivalente a um estupefaciente, que fez os alemães acreditarem que sejam superiores.

---

[1] Estranho à espécie de sangue alemão, de raça inferior, nórdico, desonra racial.'LTI', 120.
[2] Termo nacional-socialista. Relações sexuais entre pessoas de raças diferentes, especificamente entre judeus e arianos. 'LTI', 120.

Nesse mesmo dia Klemperer foi chamado pelo chefe para ajudá-lo em uma etiquetagem e encontravam-se distantes dos demais, de forma que ele, aquele que tratava 'seus judeus' o melhor possível, sentiu-se à vontade para reclamar dos horrores da guerra e queixar-se de que não via quando o fim chegaria. A conversa enveredava por críticas antijudaicas, até eles serem interrompidos pelo alarme.

"Bloß die Amerikaner wollen ihn nicht, dabei haben die gar nichts bei uns zu suchen ... Aber sie werden reich durch den Krieg, diese paar Saujuden. Es ist wirklich der 'jüdische Krieg!'...Da sind sie schon wieder![4]".

Os judeus ficavam sempre isolados dos demais, mas Klemperer conseguiu ouvir a conversa dos outros. Uma senhora afirmava com segurança de que Dresden não seria bombardeada, pois no domingo anterior ela e seus familiares notaram uma nuvem no céu, que lembrava o "*Alte Fritz*[5]", e que seguramente ele protegeria Dresden. À noite, essa mesma senhora cumprimenta Klemperer na fábrica, onde era seu turno de vigília com um sonoro "*Heil Hitler!",* pelo que se desculpa na manhã seguinte, pois o confundira com outra pessoa, a quem era obrigada a manter o cumprimento nazista.

Klemperer conclui esclarecendo que o veneno nazista se infiltrou de tal forma na mente dos alemães, que pessoas, como as mencionadas, que sequer simpatizavam com o regime, acreditavam na mensagem do governo, de que o judeu era o principal inimigo, esquecendo-se que ele, Klemperer, era o perseguido pelo regime.

---

[3] Muito bem organizados. 'LTI', 122.
[4] É que os americanos não querem o fim. Não tinham nada que estar por aqui, conosco ... Mas a verdade é que eles enriquecem às custas da guerra, esses poucos judeus sujos. É bem a 'guerra judaica!' São eles de novo! 'LTI', 122.
[5] Designação "carinhosa" ao Imperador Frederico, o Grande. 'LTI', 123.

2.19 Capítulo XVII

System und Organisation
Sistema e organização

Em mais uma demonstração da falta de liberdade do regime nacional-socialista e da deturpação do sentido das palavras, Klemperer remonta a uma série de exemplos, como a frase que seu carpinteiro lhe diz em 1935, no início do regime:

"Ich schwitze! In der Systemzeit gab es die schönen Schillerkragen, die den Hals frei ließen. So was hat man jetzt nicht mehr, immer nur enges Zeug und wo möglich steifes[1]".

Esse carpinteiro nem percebia que sua frase simbolizava a metáfora da liberdade que o "*Schillerkragen*" representou e um lamento pelo tolhimento da liberdade no nazismo. "*Das System*" foi um termo que significou a República de Weimar, que durou de 1918 a 1933 e que rapidamente se tornou popular. Os nazistas consideraram a República de Weimar o pior regime, porque permitiu a pulverização de inúmeros partidos políticos, que se traduziram por liberdade democrática. Já no governo de Hitler, desde a primeira reunião do Parlamento, tudo foi uma grande farsa. E desde o começo, os jornais do partido se apressaram em publicar que em meia hora de reunião os novos parlamentares haviam produzido mais do que o Parlamentarismo do *System* tinha conseguido em meio ano. Apesar do descaso por esse termo *System* significa algo elaborado, construído. Trata-se da composição de elementos específicos, como o sistema de transporte, mas se enquadra melhor no que se referir a abstrações, como o sistema de Kant e outros, ou seja, filosofar, pensar de forma sistemática. E o nacional-socialismo empenhou-se em encobrir o verdadeiro significado de "sistema", pois se fazia necessário não permitir a malfadada sistematização do pensamento. Que nenhum cidadão tivesse a ousadia de pensar, muito menos com sua própria cabeça. A 'LTI' desdenhou o termo filosofia mais intensamente do que o termo sistema. Uma pessoa que souber pensar de forma sistemática, torna-se mais difícil de se deixar induzir por alguma idéia nociva. Não será fácil persuadi-la. A pessoa

[1] Estou suando! Bom mesmo foi o tempo do *System,* em que se podia usar *"Schillerkragen,* colarinho de camisa desabotoado, que deixava o pescoço livre. Hoje não tem mais isso, tudo apertado e quando possível, engomado. 'LTI', p.125.

que pensa sabe abstrair o conceito material de um objeto, sabe enxergar a essência do objeto observado. Ou seja, emprega o termo "*anschauen*", que significa olhar com atenção para alguma coisa, em que a pessoa se permite ser tocada por seus sentimentos mais profundos e pelos mistérios de sua alma. O nazismo conseguiu tirar a aura de "*Weltanschauung*[2]", jogando o termo na trivialidade do cotidiano, como se fosse um substituto de Filosofia, "varrida para debaixo do tapete". Se Klemperer tivesse escrito este "*Notizbuch*" em forma de Léxico, no estilo de sua querida Enciclopédia[3] "*Schau*[4]" receberia o significado de "*Barnum*[5]". *System, Intelligenz* e *Objektivität*[6] eram termos que deixavam os nazistas apavorados. E se *System* era desaprovado pelo nazismo, de que maneira designar seu sistema de governo, do qual tanto se orgulhavam e de onde emanava a manifestação de vida? O que explica porque "*Totalität*[7]" foi uma das pedras fundamentais da 'LTI', sendo um termo positivo para os nazistas, mas não para grupos democráticos.

Os nazistas denominavam seu *System* de *Organisation*, sem sistematização intelectual, mas tentando captar os segredos do que seria o orgânico. Klemperer explica o significado desse adjetivo *organisch*, que soubera captar a beleza dos primórdios do romantismo, diferentemente dos substantivos órgão e organização e do verbo organizar. Na famosa busca domiciliar da Gestapo, quando os agentes bateram na cabeça de Klemperer com o exemplar do "Mito do Século XX" de Rosenberg e rasgaram sem decifrar o fichamento do livro, para sorte do casal Klemperer, ele já tinha passado para os "Diários" seu comentário sobre a "verdade orgânica" de Rosenberg:

"*Wie lächerlich wäre sie in ihrem Phrasenwust, wenn sie nicht so furchbar mörderische Folgen hätte!*[8]"

Klemperer cita um trecho de Rosenberg, em que este desfaz dos filósofos:

---

[2] Visão de mundo. Termo criado por Wilhelm Dilthey: Teoria das Concepções do Mundo. Textos Filosóficos, Edições 70, 1992. 'LTI', p. 126.
[3] A obra de Klemperer sobre a literatura francesa, que abarca o período do Século XIII até 1920.
[4] Seria a palavra americana "show" ou espetáculo. 'LTI', p. 127.
[5] Primeiro desfile de carros alegóricos em NY e nome de um famoso circo. 'LTI', p. 127.
[6] Sistema, inteligência e objetividade. 'LTI', p. 127.
[7] "LTI" P. 127
[8] Todo essa fraseologia não teria sido somente ridícula, não tivesse tido conseqüências tão funestas e assassinas. "LTI" P. 128.

"Die Berufsphilosophen begehen durchweg einen doppelten Fehler. Erstens begehen sie sich auf die ‚Jagd nach der sogenannten einen, ewigen Wahrheit'. Und zweitens fahnden sie, auf rein logischem Wege, indem sie von Axiomen des Verstandes weiter und weiter schließen[9]".

Se formos dar o sentido místico que Alfred Rosenberg quer dar à sua visão de mundo, então de uma só vez todo esse monte de lixo intelectualizado não sanguinário denominado *System* há de desaparecer. Essas citações tentam esclarecer a oposição da 'LTI' contra o termo e o conceito *System*. Logo a seguir nas últimas páginas do "Mythus" *Organisch*[10] é entronizado definitivamente. Órgão, em grego, significa germinar como uma planta, que cresce inconscientemente. Em alemão *organisch* significa *wuchschaft*[11]. Ao invés daquela verdade generalista, que serviria a uma sociedade imaginária, surge a "*organische Wahrheit*"[12], que emana de forma autêntica do sangue de uma raça, e que serve somente para essa raça. Essa verdade não faz parte, nem do pensamento, nem do intelecto, não se enquadra em um saber consciente. Segundo Rosenberg, ela se encontra em algum ponto secreto da alma do povo germano e em seu sangue corre sangue nórdico desde os primórdios.

"Das letztmögliche 'Wissen' einer Rasse liegt schon in ihrem ersten Religiösen Mythus eingeschlossen[13]".

Nem que Klemperer juntasse todas as citações de Rosenberg, elas não conseguiriam esclarecer mais nada, pois a intenção do pretenso filósofo Rosenberg, destacado no partido, não era elucidar, mas evitar que se formasse uma massa crítica, afastar o raciocínio, pois como já dito, pensar exige clareza de idéias e permite que o povo tenha liberdade de opinião a respeito de qualquer questão. Já para a magia, o que vale é o obscurantismo. A fala de pitonisa e odor anestesiante de sangue empregados por Rosenberg farão desaparecer a glória mágica que envolve o adjetivo *organisch*, caso se faça uma transposição do adjetivo para o substantivo e para o verbo. Klemperer apresenta termos da

---

[9] Os filósofos profissionais costumam incorrer em um erro duplo. Saem inicialmente à busca da verdade única e eterna, para depois se gabarem do raciocínio lógico e conseguirem chegar a conclusões, por meio de axiomas. "LTI" P. 128

[10] Orgânico. "LTI" P. 128.

[11] Crescimento. "LTI" P. 128.

[12] Verdade orgânica. "LTI" P. 128.

[13] O saber derradeiro de uma raça já se encontra enclausurado em seu primeiro mito religioso."LTI"p.128.

LTI, anteriores à existência do *NSDAP*. Por volta dos anos noventa do Século XIX, havia os termos "*Parteiorgane*" e "*Organisationen*[14]" para questões políticas. Em Berlim dizia-se que um trabalhador era *"organisiert",* ou seja, era membro do Partido Social-Democrata. A grande diferença, entretanto, é que um "*Parteiorgan*" não é criado pelas forças místicas da corrente nórdica sangüínea, mas é composto por pensamentos claros e lógicos, e uma *"Organisation"* não é gerada como um fruto, mas sim, construída com muito empenho e esmero. Os nazistas diziam que é "*aufgezogen*[15]". Klemperer comenta que agora, 1946, um ano após a rendição, encontrava ainda em suas anotações "verificar, onde e quando" a respeito de autores que percebiam na *Organisation* os meios para matar, para desalmar e mecanizar o *Organisch*[16]*,* ainda na Primeira Guerra Mundial. Klemperer comenta que encontrou no livro "*Auf halbem Wege*[17]" (1939) de Dwinger, que mais tarde descambou para o nazismo, a descuidada ligação da organização, "lamentável" em seu artificialismo, que se contrapunha à ligação dos "puros" com a natureza.

"Organisation" permaneceu um termo respeitado na 'LTI', respeito que ainda não tinha adquirido em 1933, pois satisfez o desejo totalitário a tal ponto que levou o empenho das organizações ao nível dos gatos. Os gatos que viviam com judeus, deixavam de pertencer ao "*Deutschen Katzenwesen*[18]", tornando-se *artvergessene Kreaturen*[19]. Mais tarde cães, gatos, canários foram mortos de forma oficial e sistemática, fato que devia ter sido divulgado e julgado nos processos de Nürnberg. Se pudesse Klemperer teria construído a maior forca possível, mesmo que custasse sua felicidade. O jornal "*Münchner Neuesten Nachrichten",* logo depois calado compulsoriamente, relata em seu número do carnaval do Terceiro Reich em 1936 sobre a

"*Dachorganisation des Deutschen Katzenwesens*[20]".

[14] Órgãos do partido e organizações. "LTI" P. 129.
[15] Atiçada. "LTI" P. 129
[16] Orgânico.'LTI', p.129.
[17] Em meio do caminho. Grifos do autor. 'LTI', p.129.
[18] Gatos alemães. 'LTI', p.130.
[19] Criaturas estranhas esquecidas. 'LTI', p.130.
[20] Organização teto dos gatos alemães. 'LTI', p.130.

Klemperer cita Schiller novamente: "*Sprache, die für uns dichtet und denkt*", pois o emprego dos verbos fazer, resolver, trabalhar foi simplesmente substituído por *organisieren.*

"Habe ich das nicht fein organisiert[21]?"

Klemperer mesmo se pegou dizendo, já no pós-guerra:

"Ich muss mir ein bisschen Tabak organisieren[22]".

Cabe lembrar que após a queda em Stalingrado, bem como no pós-guerra "*organisieren*" significou obter mercadorias racionadas de modo ilícito (roubando ou comprando no mercado negro).

Com sua preocupação de filólogo, a partir do conceito de liberdade que reinou na República de Weimar, ele traça a trajetória do empenho da cúpula nazista em obstruir qualquer resquício de raciocínio independente.

[21] Não organizei bem isso? 'LTI', p.131.
[22] Preciso organizar tabaco para mim. 'LTI', p.131.

2.20. Capítulo XVIII

Ich Glaube an Ihn
Eu acredito nele

Ich glaube an ihn é a descrição dos tipos humanos que endeusaram Hitler e ilustra sua diversidade sociocultural. Klemperer relata seu convívio com essas pessoas e explica da mesma forma que no capítulo *IX – Fanatisch* como a 'LTI' se empenhou em ser a linguagem da fé, visando a alcançar o fanatismo popular. Descreve o empenho bem sucedido de Hitler e Goebbels em reverterem a linguagem cristã a favor do nazismo, induzindo o povo a sentir fé pelo Terceiro Reich, sendo Hitler seu salvador. Relata também a eficácia de suas técnicas de propaganda de massas. Explica a transcendência do termo *Reich* (o Terceiro), em contraposição aos termos compostos, como *Königreich, Kaiserreich, Gotenreich*. Seu equivalente cristão seria o *Himmelreich* (reino dos céus)[1]. Explica também o conceito de *Groß*deutschland.

Fräulein Paula von B.[2] era uma conceituada auxiliar de ensino da Universidade Técnica de Dresden, assistente do Professor de Literatura Oskar Walzel[3] e foi sensibilizada por devoção religiosa pelo carisma de Hitler. Ela é a primeira a ser descrita. Descendente da antiga nobreza militar, sentia ainda um laivo de nostalgia pela época do Império. Até 1933 poderia ser considerada uma pessoa ligada ao pensamento liberal europeu. Mas a partir desse ano seu comportamento político muda e ela é tomada por uma onda de euforia, que estampada em seu rosto se contrapõe à depressão de Klemperer. Diante dessa situação antagônica, Klemperer descreve um diálogo havido entre ambos, que já revela o momento político para os perseguidos pelo regime:

"Sie strahlen ja! Haben sie ein besonderes Glück erlebt?" - "Ein besonderes! Brauche ich das noch?... Ich bin um zehn Jahre jünger geworden, nein um neunzehn: so ist mir seit 1914 nicht mehr zumut gewesen!"[4] *- "Und das sagen Sie mir? Und das können Sie sagen, wo Sie doch sehen und lesen und hören müssen, wie man Leute entehrt, die*

---

[1]As pessoas que queriam denunciar os assassinatos cometidos por Himmler diziam que o falecido tinha sido chamado para o *Himmlersches Reich* (reino de Himmler).'LTI', p.141.

[2]Nos 'Diários', p.485 e em '*...und so ist alles schwankend'* a personagem consta como Gertrud von Rüdinger e em 6/8/1945 Klemperer é informado de que ela fora demitida da TH-*Technische Hochschule* devido ao seu passado nazista. *...und so ist* p. 83.

[3] WALZSEL, Oskar. Escritor alemão, superior de Klemperer na Universidade Técnica de Dresden, a TH. 'LTI', p. 132.

[4] 'LTI' p. 134. Tradução: "Por que tanta alegria? A senhorita está esfuziante. Aconteceu algo especial?" - "Sim, algo muito especial! E é preciso mais do que isso? ... Rejuvenesci dez anos, não, dezenove, desde 1914 não me sinto tão bem!"

Ihnen bisher nahegestanden haben, wie man über Werke urteilt, die Sie bisher geschätzt haben, wie man sich lossagt von allem Geistigen, das Sie bisher[5]*...*

Ela interrompe Klemperer:

"Lieber Herr Professor, ich habe nicht mit Ihrer nervösen Überreiztheit gerechnet[6]*. Sie sollten für ein paar Wochen in Urlaub gehen und gar keine Zeitung lesen. Sie lassen sich im Augenblick kränken und lassen Ihren Blick vom Wesentlichen ablenken durch kleine Peinlichkeiten und Schönheitsfehler, die bei so großen Umwälzungen nun einmal nicht zu vermeiden sind. In kurzer Zeit werden Sie ganz anders urteilen*[7]*.*

Ela se despede saltitante como se fosse uma adolescente, perguntando se poderia aparecer na casa do casal, visitando-os em 7 de junho de 1934[8] para, segundo ela, cumprir seu compromisso alemão de informá-los sobre suas novas convicções políticas. Klemperer retruca que *Deutsche Pflicht*[9] é um termo que ela não teria usado antes do nazismo. E ela:

"Er hat uns nach Hause zurückgeführt[10]*!"*

ao que Klemperer lhe pergunta a troco de que ela lhes diz isso. "O senhor tem de saber que agora pertenço totalmente ao *Führer*, mas nem por isso sou menos sua amiga..." Kemperer a indaga se essa atitude não era contrária ao humanismo de Lessing[11], que ela tanto usara nas aulas, ao que ela ouvindo, sob lágrimas, retruca que não adiantava continuarem conversando, pois as perguntas de Klemperer partiam do raciocínio e tudo o que diz respeito aos sentimentos dele é amargura *über Unwesentliches*[12]. Ele continua perguntando o que seria então o *Wesentlich*[13] ? – "Já lhe expliquei, fomos reconduzidos ao lar! Essa idéia vem do sentimento, o senhor tem de entregar-se aos sentimentos. O senhor tem de ter sempre em mente que a grandeza do *Führer* tem de estar em seus

---

[5] "E, a senhorita vem dizer isso justo para mim, percebendo o quanto pessoas que até então lhe eram bem próximas vêm sendo destratadas? Tal como obras que a senhorita até há pouco reconhecia sendo de valor. Renunciando a tudo que era intelectual, e que ..." 'LTI' ,134.
[6] "Querido Professor, não contava com seu nervosismo". 'LTI' ,134.
[7] "O senhor deveria passar algumas semanas de férias e não ler nenhum jornal. O senhor vai ficar doente. Não está percebendo a realidade, deixando-se desviar por pequenos percalços e constrangimentos, inevitáveis". Em revoluções tão grandes acontecem coisas assim. LTI`,134.
[8] "Diários" p.72.
[9] Compromisso alemão. 'LTI', 134.
[10] Ele nos trouxe de volta ao lar! 'LTI', 135.
[11] LESSING, Gotthold Ephraim. Escritor e crítico alemão, 1729-81. Humanista e livre-pensador. Critica o teatro neo-clássico francês e exalta Shakespeare e Calderón; *Minna von Barnhelm* e Emília Galotti assentam as bases do moderno teatro burguês alemão. 'LTI',135.
[12] Sobre o supérfluo. 'LTI',135.
[13] Essencial. 'LTI',135.

pensamentos e não ser uma *Unzuträglichkeit*[14] da qual o senhor é uma vítima momentânea...". - "E como foi que a senhorita aprendeu tudo isso?" - "Por meio da fé. E se tudo isso não lhe diz nada, então o *Führer* está com a razão quando ele fala contra os... (ela engole o termo judeu)... a inteligência estéril. Pois, para mim é importante dizer-lhe que eu acredito nele". – "Então, prezada senhorita, é melhor suspendermos nossa amizade e conversas sobre nossas crenças por tempo indeterminado". Klemperer reviu *Paula von B* casualmente quando foi ao banco em 13 de março de 1938, dia do *Ansschluss*, anexação da Áustria pela Alemanha, ouvindo o programa nazista no rádio. Ele próprio emprega o termo "*historisch*[15]" da 'LTI'...

Alles an ihr war Ekstase, ihre Augen glänzten, die Starrheit ihrer Haltung und ihres Grüßes glich nicht dem „Stillgestanden!" der anderen, sondern war ein Krampf, eine Verzückung[16].

Em viagem a *Obersalzberg, Paula von B*. se orgulha de ter conseguido fotografar o cão de Hitler, mas não o próprio, e exibe essa foto a muita gente. O que passa a ser motivo de chacota no *Judenhaus* em que o casal vivia. O comentário geral era sobre essa paixão ridícula por Hitler. Klemperer leva essa paixão a sério, pois mesmo no final da guerra, quando tudo já estava perdido, ela manteve sua fidelidade a Hitler. E jamais se soube de qualquer notícia de que *Paula von B*. tivesse denunciado alguém, prática comum no nazismo.

Por outro lado, *Herr Professor Walzel,* chefe de *Paula von B*., criticado justamente como „*jüdischer Feuilletonist*[17]" não foi capaz de manter-se íntegro, pois, já em final de carreira, assinou o comprovante de arianismo solicitado por Hitler. Tanto sua mulher, como seu círculo de amigos *fanden diesen Nürnberger Ablasszettel unerreichbar*[18]. Mesmo assim Klemperer quer deixar registrado na 'LTI' seu elogio à obra de Walzel.

Bem no final da guerra Klemperer se depara com outros dois casos de sentimento de fé por Hitler, entre soldados, retornando à Alemanha, a grande perdedora, depois dos combates. O casal Klemperer caminhava pela Baviera, em direção a *Pfaffenhofen*. Um

---

[14] Inconveniência. 'LTI',135.
[15] 'LTI' , p.61.
[16] Tudo nela era êxtase. Seus olhos brilhavam, a rigidez de sua postura e de seu cumprimento não podiam ser comparados ao estar parado dos demais, mas, denotavam contração, arrebatamento.LTI, P. 136.
[17] Judeu que faz matérias jornalísticas. LTI, P. 132.
[18]...entenderam inadmissível este pedido de indulgência a Nürnberg. LTI, P. 133.

jovem combatente, com um braço amputado chama-os de "*Volksgenossen*[19]" e quer ajudá-los a carregar seus pertences. Crê na vitória da Alemanha, pois para ele o *Führer* jamais iria abandoná-los. Poucos dias antes o próprio *Führer* tinha explicado que a vitória era certa. ... ele nunca mentira... Deus jamais o abandonaria. "Nele eu ponho fé". Esse jovem, que perdera o braço nas trincheiras do Atlântico, vivera em acampamento americano e fora recambiado devido à amputação, considerava tudo o que ouvira reles mentiras, pois no aniversário do *Führer*, 20 de abril, dali a poucos dias, haveria de ocorrer a grande virada. E o casal Klemperer sente alívio quando se separam desse rapaz em *Unterbernbach*, que algumas semanas depois foi tomada pelos americanos.

O outro caso se deu na estalagem em que conseguem se abrigar. Estão sentados na mesma mesa onde diante de uma conversa acalorada entre os combatentes retornados. A maioria é contra Hitler. Já um velho seleiro de *Storkow* esmurra a mesa, tomado de fúria: "Vocês têm é de se envergonhar, parece até que perdemos a guerra, só porque os americanos chegaram aqui?" – "Não. Mas os russos, ingleses e franceses também. *Es sei eine Minute vor zwölf*[20], qualquer criança sabia disso". "Essa percepção não nos serve para nada, o que temos é de ter fé! O *Führer* não vai ser derrotado, ele sempre descobriu um caminho e não há de ser agora que ele vai perder".

"Nein, zum Teufel, nein ...man muss glauben. Ich glaube an den Führer[21]*".*

Klemperer conclui que não adianta discutir, a 'LTI' é a linguagem da fé e do fanatismo. É o *Leitmotiv* do nacional-socialismo. Em 1933 e agora em 1945 ouve essas três afirmativas de fé cega. Depois de todo o padecimento, as pessoas continuam professando a mesma crença, que emana do coração, não da razão.

É mais uma situação perversa, que se pauta na linguagem do catolicismo, que é um desdobramento do odiado judaísmo. Ou seja, tecnicamente a 'LTI' rejeita o catolicismo, dada sua origem hebraica e "síria[22]". O nacional-socialismo impõe aos homens da *SS* e os professores escolares que abandonem a igreja[23]. Movem processos contra

[19] Compatriotas. 'LTI', p. 138.
[20] Era chegada a hora da verdade (eles eram os perdedores). 'LTI', p. 139.
[21] Com os diabos, não! É necessário acreditar nele. Eu acredito no Führer. 'LTI', p. 140.
[22] Termo da Idade Média, para designar o que vem do Oriente Médio.
[23] Sobre essa atitude anticristã vide "*Nie wieder ein Wort davon?*", Barbara Gehrts. Dtv, München,16ª ed.

professores, que eles definem como homossexuais, em escolas católicas, enviando esses religiosos para a prisão e para os *Lager*[24]. Para esclarecer a situação de fanatismo, Klemperer cita a designação

"Meine Apostel[25]"

que Hitler dá aos primeiros dezesseis soldados tombados em guerra, cultuando-os de maneira cristã. Em uma referência a Jesus Cristo Hitler diz que ele próprio, obviamente, conseguira mais apóstolos que seu antecessor[26]. A bandeira que conduzia o séqüito desses dezesseis era chamada de

"Blutfahne[27]".

Essas expressões deixavam a população inebriada, quer nas *Demonstrationszüge*[28], quer por meio de filmes[29]. Elas carregavam um cunho pseudo-religioso, já que cultuavam o sangue, nórdico. Nessa cerimônia fúnebre Hitler diz:

„Ihr seid auferstanden im Dritten Reich[30]*".*

Ele era o único salvador, como no Novo Testamento. Na época de sua ascensão, em 1937 dizia: "A Providência é aquela que nos guia, agimos exclusivamente pela vontade do "Todo Poderoso". "Ninguém será capaz de conduzir povos e dirigir a História, se não for abençoado pela Graça Divina". No „*Heldentag*[31]" de 1940 ele esperava a Graça Divina "com humildade". "Ser o escolhido pela Graça Divina" aparece em quase cada discurso. Após o atentado de 20 de julho de 1944 não se constrange em afirmar que recebera proteção celestial, pois a nação precisava dele, ele, justamente, o "*Fahnenträger*[32] da fé e da esperança". Em 31 de dezembro de 1944, quando a derrota batia à porta, 'Deus em pessoa teria de retornar, pois o "Todo Poderoso" haveria de querer que a justiça prevalecesse'. O carisma de Hitler envolvia as pessoas com uma

---

[24] Sobre essa atitude anticristã, vide também "É isso um homem?" de Primo Levi, Ed. Rocco, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1997 e também *...und so ist alles schwankend*, p.96.
[25] 'LTI', p. 142.
[26] É absolutamente inacreditável que a maior parte da população não se desse conta da falta de senso crítico de Hitler.
[27] Bandeira de sangue. 'LTI', p. 142.
[28] Procissões de demonstração. 'LTI', p. 142.
[29] Vide capítulo VIII – *Zehn Jahre Faschismus,* 'LTI', p.66.
[30] Vocês ressuscitaram no Terceiro *Reich*. 'LTI', p. 142.
[31] Dia do herói. 'LTI', p. 142.
[32] Porta-bandeira. 'LTI', p. 142.

infinidade de frases que elas ouviam enternecidas, desprovidas de qualquer senso crítico.

O primeiro Natal após a anexação da Áustria em 1938 é chamado de

"Großdeutsche Weihnacht[33]*".*

A imprensa abusa dos termos cristãos como

"Auferstehung des Großdeutschen Reiches[34]*", "Fest der deutschen Seele*[35]*"*

excluindo peremptoriamente o judeu Cristo, dando preferência aos símbolos nazistas, como o *Sonnenrad* e o *Hakenkreuz*[36]. Nesse ambiente sanguinário a

„Orden des nordischen Blutes[37]*"*

foi um presente para o aniversário de Himmler, o *Bluthund* (cão sanguinário).
É óbvio que entre os opositores predominava o humor negro. De forma que o composto *Himmelreich* (reino dos céus) foi chamado de *Himmlersches Reich* (reino de Himmler) pelas pessoas que queriam denunciar seus assassinatos[38].

Havia a intenção de que tudo que se impregnasse à palavra fosse dirigido para as ações de Hitler e de seu partido, e que emanasse transcendência cristã e pagã, como a mística do natal, o martírio, a ressurreição, a consagração da ordem de algum cavaleiro e

„die ewige Wache" der Blutzeugen[39]*.*

Ewig ou eterno é um termo que tem papel preponderante no léxico da LTI, abusado despudoradamente, como *historisch* e *einmalig*[40]*,* que fazem parte da escala dos

---

[33] 'LTI', p.141.
[34] "Ressurreição do grande império alemão". 'LTI', p. 141.
[35] "Festa da alma alemã". 'LTI', p. 141.
[36] Roda de sol e cruz gamada 'LTI' p. 141.
[37] A Ordem do sangue nórdico. 'LTI', p.141.
[38]Conforme nota 1, p.100.
[39] Eterna vigília das testemunhas de sangue. 'LTI', p.143.

superlativos nazistas. Só que *ewig* é o estágio mais alto para adentrar nos céus. Klemperer esclarece relatando a frase do político Ley na inauguração de uma *Hitlerschule* (escola de Hitler), em 1938:

"*wir haben den Weg in die Ewigkeit gefunden*[41]".

A eternidade do Terceiro *Reich* era algo tão certo, que à pergunta:

"*Was kommt nach dem Dritten Reich?" – "Nichts kommt dahinter, das Dritte Reich ist das ewige Reich der Deutschen*[42]",

eliminava-se sem dó nem piedade aquele novato que ingenuamente escrevesse *das vierte Reich*[43], mesmo em se tratando de bom aluno. A propósito, após o final da guerra, Klemperer fala de uma LQI (*Lingua Quartii Imperii*), língua do quarto Reich, denotando sua frustração de que muitas coisas no pós-guerra continuavam como dantes, no período nazista. Faz-se mister salientar, que sob a visão da semiótica, mesmo que de forma não manifesta explicitada por Göbbels, a expressão '*Das Dritte Reich*' foi repetida com um enfoque, que segundo Klemperer poderia ser entendido assim: "*Je mehr einer von der Geschichte der Literatur und der Geschichte des Christentums weiß, um so 'jenseitiger' spricht ihn der Ausdruck ‚Drittes Reich' an*[44]. Ou seja, o termo *‚Drittes Reich'* atinge pessoas cultas, das mais diversas tendências político-filosóficas, aspirando por um mundo melhor, sonhadoras de uma nova era, que não encontravam mais valores no cristianismo de então, vislumbrando a vinda do Messias, por meio do Terceiro Reich. Estas pessoas cultas seriam reminiscentes de Lessing e Ibsen no emprego do termo *‚Drittes Reich'*.

Voltando à questão das pessoas que endeusaram Hitler, Klemperer ressalta que mais importante do que suas próprias anotações, o que interessa são os diários de Goebbels „*Vom Kaiserhof zur Reichskanzelei*" de fevereiro de 1932 em diante, em que este

---

[40] Único, como mencionado no capítulo 6, p.27 e no capítulo 30, p.273.
[41] Encontramos o caminho para eternidade. 'LTI', p.141.
[42] O que vem depois do Terceiro *Reich?* – Nada, o Terceiro *Reich* é o eterno *Reich* dos alemães. 'LTI', p.142.
[43] O Quarto *Reich.* 'LTI', p.142.
[44] Quanto mais uma pessoa souber de história da literatura, e da história do cristianismo, tanto mais a expressão Terceiro Reich lhe soará como vinda do 'além'.

descreve como pretende deixar a massa se inebriar pelo *pathos*[45] religioso de Hitler. "Ao final ele assume uma prédica majestosa, encerrando seu discurso com um pomposo amém pastoral. Consegue dar a tudo um ar tão "natural" que as pessoas ficam profundamente comovidas e sensibilizadas... e todos se deixam embalar em estado de delírio". O público, já dominado moralmente, toma Hitler por uma divindade e repete a ladainha sem discutir. Não se dá conta da manipulação. Quantas vezes mais as frases forem repetidas, tantas vezes mais as massas não perceberão que estão sendo induzidas para assumirem o preconceito como "natural". "Um crente fanático, ou um demente é capaz de agir, em sua loucura, com a maior destreza possível". Goebbels não se envergonha de assumir que as sugestões que perdurarem terão partido dos "surrupiadores da verdade", que enganam sobretudo a si mesmos. A capacidade de Goebbels de se dar conta de como as massas são manipuláveis, e de oprimir as vozes que quiseram se levantar contra sua dominação seja talvez o caso em que mais opressão planejada foi exercida na História da Humanidade.

"*Mein Kampf*" ensina como induzir as massas, da mesma forma que a sedução mencionada por Goebbels. Dessa forma, os próprios juízes de Nürnberg consideraram que o que interessava não é se Hitler devia ter ido para a forca ou para o manicômio, mas sim de que forma gerir as conseqüências de sua delinqüência.
Os auxiliares de Hitler eram bem preparados e equipados para agirem a favor de seu endeusamento. Não há dúvida que aqueles que não obedecessem com presteza seriam sumariamente eliminados[46]. Goebbels menciona também com orgulho que virá o "dia do despertar da nação". "Será feita a maior concentração jamais vista, usaremos todos nossos meios de propaganda",

alles "wird klappen wie am Schnürchen[47]*".*

Goebbels relata ainda sobre um discurso do *Führer* em Königsberg,

und nun „klingt mächtig in den Schlussakkord der Rede das Niederländische Dankgebet, in der letzten Strophe übertönt vom Glockenläuten des Königsberger Doms. Über den Rundfunk schwingt diese Hymne durch den Äther über ganz Deutschland[48]*".*

---

[45] Tradução do Dicionário DUDEN de Etimologia, 1963, p.497: do grego, "paixão, percepção festiva, externar os sentimentos exagerados".
[46] Em junho de 1934 o próprio Hitler mata a tiros o Chefe do Exército, Gal. Röhm, um de seus principais colaboradores e todo seu grupo, dando início ao banho de sangue que inundou a Alemanha.
[47] Tudo há de funcionar de acordo com nossa vontade. A expressão é coloquial.'LTI', p.143.

Klemperer comenta que de 1933 até adentrar na *Berliner Katastrophe* em 1945[49], o endeusamento de Hitler funcionou perfeitamente conforme Goebbels planejara. Sob a prepotência reinante, jamais houve qualquer espaço para contradizê-lo. Klemperer também demonstra espanto diante do baixo nível de elaboração mental do povo alemão. Como exemplo, cita o comentário de seu colega Spamer, antropólogo especializado no folclore alemão. Segundo ele se tivessem repetido ao povo que a Guerra de 1914 – 1918 não tinha existido, três anos depois todos acreditariam que de fato aquela tragédia não tinha ocorrido. Logo após a Segunda Guerra Mundial, Spamer retifica sua previsão de que um ano só daquelas mentiras já teriam bastado para o esquecimento. Tanto Hitler, quanto a imprensa, totalmente dominada pelo regime, abusam do nome medieval *'Das Heilige Germanische Reich Deutscher Nation[50]'* que a Alemanha teve até 1806, quando Hitler vai a Roma visitar Mussolini. Como supõe que deu estabilidade ao Santo Império Germânico, aproveita o esplendor dos antigos reis medievais para assumir este suposto estado de santidade. Em julho de 1934, de fronte à Câmara Municipal de Berlim, Göring faz uma paráfrase do Novo Testamento:

„Wir alle, vom einfachsten SA–Mann bis zum Ministerpräsidenten, sind von Hitler und durch Hitler[51]".

Baldur von Schirach, chefe da *HJ*[52], define Braunau na Áustria, onde Hitler nasceu como local em que a *Deutsche Jugend* deveria fazer procissões e compõe

„*Das Lied der Getreuen* (Cântico dos Fiéis)":
„... es gibt so viele, die dir nie begegnen und denen trotzdem du der Heiland bist[53]".

Frase no estilo do Antigo Testamento para aprovação da anexação em 1938:

"Die Hand muss verdorren die Nein schreibt[54]".

---

[48] E, então "ouvir-se-á nos últimos acordes, ao final do discurso, o som poderoso da prece de agradecimento holandesa, tendo como música de fundo o badalar dos sinos da catedral de Königsberg. O som desse hino percorrerá pelo rádio as veias de toda a Alemanha". 'LTI', p.143.
[49] Quando Berlim é tomada pelos aliados.
[50] Santo Império Germânico da Nação Alemã. 'LTI', p. 148.
[51] "Todos nós, do mais simples SA ao Presidente somos de Hitler, por Hitler". 'LTI', p. 145.
[52] Juventude hitlerista.
[53]Tanta gente que nunca te viu, mas que sempre te amou, nosso divino salvador, nós austríacos perseguidos, até a Áustria ser anexada pela Alemanha. 'LTI', p. 145.

O Magnífico Reitor Kowalewski da Universidade Técnica de Dresden, renomado professor de matemática escreveu:

"Er ist uns von der Vorsehung gesandt[55]".

Pouco antes do ataque à Rússia, Goebbels diz no discurso de aniversário para Hitler em 1941 que

„*Wir brauchen nicht zu wissen, was der Führer will – will glauben an ihn*[56]".

Na noite de 31 de dezembro de 1944 Goebbels afirma que a humanidade não compreende o amor que Hitler lhe dedica, mas que agora era chegada a hora de todos abandonarem seus falsos deuses e reverenciá-lo. Faz questão de frisar que se tratava de um

"*heiliger Krieg*" (guerra santa), "*ein Kreuzzug*" (cruzada), onde não se deveria estranhar que "*im festen Glauben an ihren Führer" gefallen waren*[57]

Houve uma antologia de poesia e filosofia alemã denominada

"*Germanenbibel*"

que ia da Edda até *Mein Kampf*. Passagens por Lutero e Goethe eram mera casualidade. O nazismo foi o pseudo-evangelho de milhões, usurpando a língua alemã. Klemperer comenta as formas possíveis de religiosidade dedicadas ao nazismo. Mostra que durante todo o período da guerra deparou-se com casos de fé religiosa. Na época da elaboração do livro trabalha na reabilitação de arrependidos de terem participado do regime nazista, que afirmam jamais terem acreditado no Führer. Compõem o grupo especial de „vítimas do fascismo". Pressionados contra sua vontade, foram obrigados a ingressar no partido. Finaliza capítulo tão significativo ilustrando um fato real do pós-guerra. Encontra um aluno antigo, que está muito abatido. „Você não vai se reabilitar? Não percebe o crime hediondo praticado pelo partido?" "Tenho consciência de tudo, mas não quero, nem posso. Ele foi mal compreendido, foi traído. NELE, ainda hoje teria fé". Mesmo depois de tudo o que ficou evidenciado, mesmo pessoas como esse ex-aluno de Klemperer mantiveram sua fé inabalável em Hitler.

---

[54] Que resseque a mão que escrever 'não'. 'LTI', p. 147. Corruptela do Salmo 137, versículo 5, AT.
[55] Foi-nos enviado pela Divina Providência. 'LTI', p. 145.
[56] Não é importante saber o que o *Führer* deseja, pois cremos nele. 'LTI', p. 145.
[57] Pela fé no Führer famílias perdessem seus entes queridos. 'LTI', p. 146.

2.21. Capítulo XIX

Familienanzeigen als kleines Repetitorium der LTI
Pequena apostila da LTI nos anúncios familiares

A mentira se impregnou nos anúncios como *Trichinen in den Gelenken eines Verseuchten ansammeln*[1]

Dentro da linguagem do Terceiro Reich não se pode omitir a distorção que o nazismo impôs nos anúncios familiares. Klemperer percebe esses anúncios no jornal e aponta para mais uma característica perversa, que denuncia os maus propósitos da 'LTI'. Justamente o que seria o lado da normalidade da vida, nascimento, casamento e morte, seus anúncios aparecem destituídos de qualquer sentimento pessoal, redigidos em linguagem mecanicista, canal por onde as famílias anunciantes tinham de comprovar seu compromisso com o nazismo. Os chavões dos anúncios condensavam a marca registrada da 'LTI': a falsidade. Em sua essência, os anúncios fúnebres induziam ao heroísmo no sentido nazista e ao estoicismo. Quando um ente querido tombava em combate não se devia usar luto, já que ele caíra em

heldenhaften Kampf[2].

Sua morte fora com orgulho, por Hitler. Necrológios melosos traziam a conotação de pouco patriotismo, pois era esperado que a família do falecido considerasse "uma honra morrer pelo Führer/pátria". Havia diversos graus de envolvimento com o nazismo.

„Er fiel für seinen Führer"[3] e *„Er starb für seinen geliebten Führer*[4]*"*,

não requeriam o nome da pátria, pois tal qual o corpo do Senhor é representado pela hóstia sagrada (novamente copiando o catolicismo), as palavras *Führer* ou Adolf Hitler continham em si o sentido de *Vaterland* (pátria). A graduação máxima de patriotismo era

„Er fiel im festen Glauben an seinen Führer"[5].

Essa situação induzia o uso de *sonnig*[6], que para Klemperer não passava de *Schmuckbeiwort*[7] que se tornou estereotipo até mesmo para os idosos. Quando o termo

---

[1] Vermes que se instalam em uma articulação infectada.
[2] Batalha heróica. 'LTI', p. 155.
[3] Ele tombou por seu *Führer*. 'LTI', p. 155.
[4] Ele morreu por seu amado *Führer*. 'LTI', p. 155.
[5] Ele caiu pela fé absoluta em seu *Führer*.'LTI', p. 155.
[6] Ensolarado. 'LTI', p. 155.

já soava tragicômico, pois não havia mais nada de *sonnig,* foi substituído por „*lebensfroh*[8]“.

Esta comunicação de nascimento

In Deutschlands grösster Zeit wurde unserm Thorsten ein Brüderchen geboren. In stolzer Freude Else Hohmann ... Hans-Georg Hohmann, SS-Untersturmführer d. Res. Dresden, General-Wever-Strasse[9]

induz Klemperer a se questionar por quê a mãe tem de anunciar que foi com “orgulho” que deu à luz? Por quê a obrigatoriedade de demonstrar amor a Hitler? Por quê deixar claro que em julho de 1942 a Alemanha se encontrava em seu momento de vigor máximo, justamente quando desde 1941, o número de baixas na Rússia não parava de aumentar? Por quê era uma obviedade que uma criancinha recebesse o nome de um nibelungo, e que o nome duplo do pai estivesse ligado por um traço de união? Foram características que a 'LTI' captou do espírito ancestral nórdico-germano que era o ponto de fuga para onde o povo alemão deveria retornar. Outra obrigatoriedade foi que um casal somente receberia autorização para contrair núpcias se fosse capaz de procriar. Esperava-se dos oficiais da *SS* que fossem uma fonte que suprisse a Alemanha de carne humana, como se espera da criação de cavalos de raça.

Por quê era uma honra para uma mulher perder seu filho no campo de batalha, pelo *Führer?* Pois bem, por meio desse anúncio de nascimento acima apresentado Klemperer capta o compromisso do povo com os ditames do regime nazista. Obediência cega ao código de hábitos impostos pelo nacional-socialismo. Construção de analogias mecanicistas confirmadas pela freqüência dos chavões, caracterizadas pela ausência de sentimentos pessoais, quer pela chegada de um bebê, quer pela perda do ente querido. Acrescente-se à questão desses anúncios que era uma tremenda sorte, se além de tudo, a família do anunciado vivesse em uma rua rebatizada com o nome de uma personalidade nazista.

---

[7] Adjetivo decorativo. 'LTI', p. 155.
[8] Feliz de viver. 'LTI', p. 155.
[9]No período mais resplandoroso da Alemanha nosso Thorsten ganhou um irmãozinho. Com orgulho e alegria, *Else Hohmann ... Hans-Georg Hohmann, SS-Untersturmführer* d. Res. Dresden, Rua General-Wever .

Aqueles que necessitavam de sentiam profundo ódio, mas que não podiam demonstrá-lo, utilizavam o necrológio

„Für das Vaterland fiel unser einziges Kind“[10],

da mesma forma que no início do regime os ‘por assim dizer’ corajosos assinavam

„Mit deutschem Gruss[11]*“* em substituição a *„Heil Hitler“*.

Com o tempo, a Alemanha foi perdendo seus tipógrafos e deixando de ter papel para imprimir jornal, de forma que os grandes anúncios fúnebres dos figurões passaram por reduções, até tornarem-se algo como uma vala coletiva em um quadrado com um tarja preta

„Wie in einem Massengrab lagen die Toten in einem einzigen schwarz umzogenenen Viereck eng zusammengepackt[12]*“.*

Os comunicados de nascimento e noivado ou casamento eram bem menores do que as listas dos mortos. Um comunicado comum, mas que causava estranheza era a união tardia de uma moça ao seu noivo morto na guerra. Em 1944 uma editora russa publica um artigo, com o seguinte título

„Ungeheuerlichkeiten in Hitlerdeutschland[13]*“.*

Esses anúncios ridículos encontravam-se no “*Völkischen Beobachter”* sob o título

„Hitlers Worte und Hitlerstaten[14]*“*.

Como dito acima, pecado típico dessa guerra foi o delito de jamais haver espaço para qualquer sentimento humano pela perda do ente querido.

---

[10] Nosso filho único tombou pela pátria. 'LTI', p. 155.
[11] Saudações alemãs. 'LTI', p. 155.
[12] O nome de todos os mortos ficavam apertadinhos em um único quadrado, como se estivessem jogados em uma vala comum. 'LTI', p. 155.
[13] Monstruosidades na Alemanha de Hitler. 'LTI', p. 155.
[14] Palavras e ações de Hitler. 'LTI', p. 155.

Klemperer conclui o capítulo explicando que os mortos foram divididos em três categorias: os caídos em combate 'com muita honra', e os civis falecidos em bombardeios e os falecidos por morte natural, que segundo a 'LTI'

„*Durch tragisches Geschick büssten ihr Leben ein ...*[15]" .

Para Klemperer o destino dessas vítimas mais se assemelhava aos de animais de caça.

Ocultar o sentimento humano pela perda de seu ente querido foi uma das formas mais ignominiosas que a mentira nazista impôs aos alemães.

Klemperer cita uma piada berlinense: em vista dos terríveis bombardeios sobre Berlim, covarde era aquele que pedisse para ser enviado ao *front.*

[15] Perderam a vida por destino trágico. 'LTI', p. 155.

2.22. Capítulo XX

Was bleibt?
O que sobra, o que resta?

A essência desse capítulo é mostrar que os termos que acabam perdurando, em geral, são aqueles que lembram as piores tragédias bélicas.

Ein historisches Faktum hat so dauerden Eindruck gemacht, daß man seinen Namen verallgemeinernd auf ähnliche Vorkommnisse überträgt[1].

Em sua descida de Dölzschen aos escombros do que restara de Dresden, em 1946, após o bombardeio de fevereiro de 1945, a visão diária das ruínas remetem Klemperer a um fato histórico.

Coventry, englisches „Rüstungszentrum[2]*“*, que gerou o verbo *conventrieren.*

Este verbo era uma referência à cidade inglesa *Coventry* que fora aplainada pela *Luftwaffe*[3], após intenso bombardeio, que ocorreu no início da guerra. Na verdade os ingleses deixaram os alemães suporem que lá houvesse um centro de fabricação de armas. Este verbo da 'LTI' desapareceu, apesar de parecer que iria perdurar.

Und wenn zur Bitterkeit des Anblicks das Wort "coventrieren" tritt, dann schleift es einen trostlosen Gedankengang hinter sich her. Er heißt: Schuld und Sühn[4].

A imprensa nazista tinha o desplante de escrever que a *Luftwaffe* atacava, por princípio, somente *„militärische Ziele*[5]“ (objetivos militares), o que não correspondia à realidade. Os nazistas *drohten alle englischen Städte zu coventrieren, da alle militärische Zwecke dienten*[6]. Hitler sentia ódio profundo contra a Inglaterra, porque esta não se deixava intimidar pela *Luftwaffe*. Em sua prepotência o *größenwahnsinniger Verbrecher* (megalomaníaco criminoso) Hitler ameaçava:

---

[1] Um fato histórico nos marca de tal forma, que passamos a empregar de maneira generalizada a palavra que o representa. 'LTI', p.161.
[2] Centro de fabricação de armas inglês. 'LTI', p.162.
[3] Força Aérea Alemã
[4] E, quando nosso olhar amargurado se depara com "*coventrieren*" sentimos a falta de consolo. Seu significado é culpa e penitência 'LTI', p. 163.
[5] Objetivos militares. 'LTI', p.161.
[6] Ameaçavam "*coventrieren*" todas as cidades inglesas, já que todas se prestavam para fins militares.

... er werde die Städte Englands ausradieren[7] *"*

E, disseminava boatos como descrito abaixo:

Man erfuhr im Oktober 1940, daß London "pausenlose Vergeltungsangriffe"... „das größte Bombardement der Weltgeschichte" zu erdulden gehabt habe; es würde coventriert werden, wenn es sich nicht endlich besiegt gebe[8]

Klemperer faz um balanço dos termos bélicos que não desapareceram. *"Septembrisieren*[9]*",* referente ao morticínio ocorrido na França em setembro de 1792 desapareceu, mas ainda constava dos dicionários *Daniel Sanders* e *Sachs-Villatte* de 1881: *"Politische Massenmorde begehen, wie sie während der Großen Französischen Revolution im September 1792 verübt wurden*[10]*"*. Na verdade, os horrores da Primeira Guerra Mundial suplantaram os horrores dessa matança.

„Dezembrisieren" foi outro termo originário do histórico *Staatsstreik* (greve do Estado) de 2.12.1851, sob Napoleão III. Klemperer avalia também o termo *„Lüttichieren" – namenlosen Kriegselend*[11]*,* que foi superado rapidamente por situações mais perversas. Especialistas em armamentos poderiam dizer que a duração de um termo se daria pelo tipo de ataque havido[12], o que não corresponde à verdade, pois um termo é aceito em conformidade com o estado de espírito e imaginação do público.

Klemperer finaliza o capítulo citando as expressões mais ouvidas por ele e sua mulher quando debandaram a pé de Dresden, após o bombardeio de fevereiro de 1945. „*Ausradieren*" e „*Meier heißen* " (chamar Meier) ou „*Hermann Meier*!" eles supunham que perdurariam, tendo passado por um sem número de locais e cruzado com um sem número de pessoas. Eles acertaram, de fato perduraram os termos usados pelo *Galgenhumor* (humor negro) da época contra a aviação alemã, como a piada

---

[7] Ele apagaria todas as cidades inglesas do mapa. 'LTI', p. 164.
[8] Soube-se em outubro de 1940 que Londres teve de arcar com o maior bombardeio da história mundial e que seria ‚conventrida' se não concordasse logo em dar-se por vencida. 'LTI', p.162.
[9] Setembrizar.'LTI', p.160.
[10] Matança coletiva de cunho político, como a que ocorreu durante a Grande Revolução Francesa em setembro de 1792. 'LTI', p.160.
[11] Lüttich, denominação alemã da cidade de Liège, na Bélgica. História bélica inominável. 'LTI', p.161.
[12] 'LTI', p.161.

„*Und Hermann hat gesagt, er wolle Meier heißen, wenn ein feindlicher Flieger zu uns hereinkäme*![13]“

O *Hermann* designado era Göring, que foi o *Reichsmarschall* (marechal do Reich), também apelidado de *Volkskomiker* (palhaço).

Essa expressão era às vezes ironicamente abreviada para „*Hermann Meier*!“ Klemperer afirma também que muito provavelmente as palavras „*ausradieren*“ e „*Meier heißen*“ perdurariam. De fato, o *Duden Universal* apresenta para

ausradieren: 2.a) *völlig zerstören, dem Erdboden gleichmachen*: *die Stadt wurde im Krieg durch Bomben fast völlig zerstört*. E para *Meier*: 3.*Das was vielleicht vermutet werden könnte, ist bestimmt nicht der Fall* (o que eventualmente poderia ser presumido, mas que não era o caso).

Cabe salientar que dentre as quinhentas e cinqüenta palavras e expressões apresentadas no Capítulo 4. Glossário, duzentas e noventa e oito não foram encontradas no *Duden Universal*, em parte porque são apresentadas como expressões. Dentre as duzentas e cinqüenta e duas que constam no *Duden Universal* vinte e três mantêm a designação (ns.), ou seja, de que fizeram parte da linguagem do Terceiro Reich .

[13] E Hermann tinha dito que mudaria seu nome para Meier se um avião inimigo adentrasse os céus alemães.'LTI', p.164.